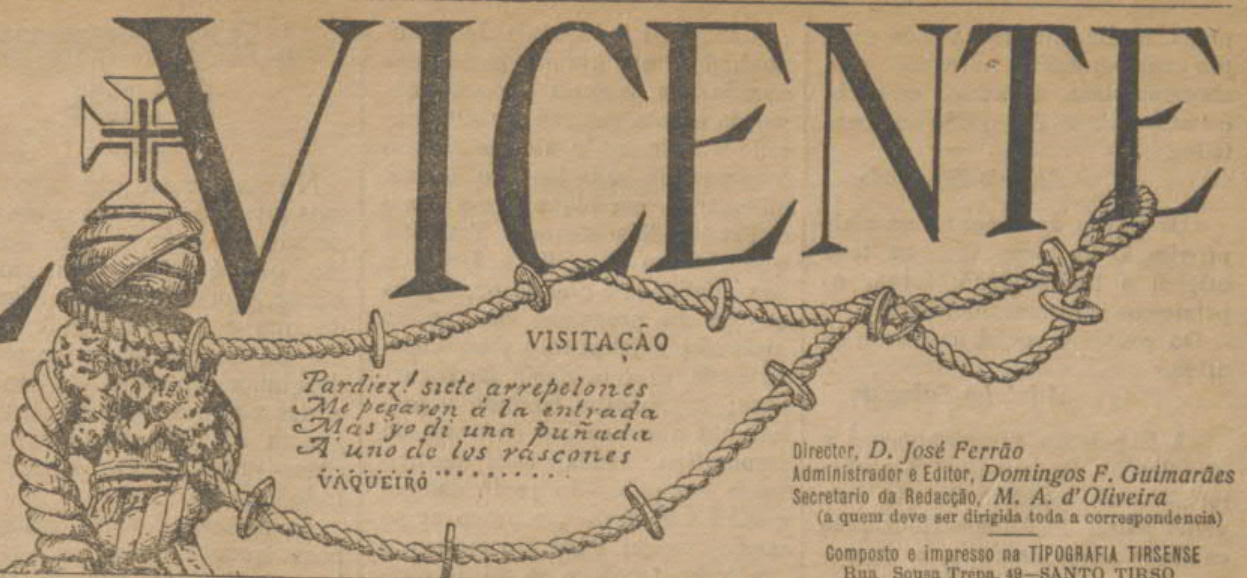


Semanário Monárquico-Integralista
(Literário e Noticioso)
Órgão e propriedade da J. M. Integralista Local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO

*Pardiez! siete arrepeiones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascos*
VAQUEIRO

Director, D. José Ferrão
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

Os partidos

Os povos que tem a governa-los os partidos são impo- tentes para conter as ambições ilegítimas dos chefes, que, para levarem por diante os seus intentos, não olham a fins e todos os meios lhes servem para escalar o poder ainda mesmo que tenham de encarcerar ou de fusilar os seus adversários.

Assim tem sucedido em todos os regimes políticos, nuns mais, noutros menos; e, assim, já no tempo da monarquia constitucional os partidos brigavam conforme as necessidades que iam surgindo para a conquista dum lugar de ministro ou de secretário de Estado.

Porém, devemos confessá-lo, os homens que serviam esse regime em nada se assemelham com os que, vai para catorze anos, disfrutaram as belezas do *posso, quero e mando* e com uma tal audácia, que por vezes — tantas são elas! — têm chegado ao crime e ao roubo inaudito e descarado. Nos primeiros ainda havia honra e dignidade, se não em todos pelo menos na sua maior parte; e aqueles que por ventura prevaricassem tarde ou nunca viam satisfeitos os seus desejos pois uma opposição franca e leal surgia pela frente a embaraçar-lhes o caminho. Nos segundos, que se sentam agora nos mesmos logares com que tanto se blasonavam diante do povo dos comícios em honra-los e dignifica-los, a prova em contrário é tão flagrante, tão clara e insofismável que não admite comparações ou hipóteses. Destes já não se poderá dizer o mesmo que a nossa lealdade manda que se diga dos primeiros. Toda a gente sabe e toda a gente vê com olhos de vêr os desmandos dos governos que a república tem sustentado, as loucuras dos ministros, as aventuras criminosas dos revolucionários, o pouco ou o nenhum escrupulo dos chefes de bandos políticos, o jogo de porta aberta dos deputados, a mentira crassa do parlamento, as fantasias do sufrágio universal, etc., etc.

E' que um regime político é um regime de defeitos e de erros natos na incompetencia das multidões, na ignorancia certa e sabida dos individuos que, fiados nos cursos superiores das nossas Universidades, se julgam aptos a governar um povo da mesma maneira como um simples e honesto professor de 3.ª ensina o *a, e, i, o, u* a uma criança que pela vez primeira vai á escola!

Todo o Estado que se diz politico não tem razão de existir; a hora que passa o demonstra clara e perentoriamente.

O tempo do parlamento vai já longe e aqueles dos muitos que faziam a sua propaganda, são hoje os primeiros a confessar que erraram e proclamam a necessidade imediata e ur-

gente da supressão do sufrágio universal como inimigo unico e principal de todo o desenvolvimento economico e social, moral e intelectual dos povos modernos que, sem quererem, fazem inteira justiça aos benéficos principios — os mais perfeitos e os mais aceitaveis — do Sindicalismo Organico sob a formula monárquico-representativa. Todos os portugueses sabem ou, melhor, não desconhecem esses principios, propagados por todos os cantos de Portugal!

Para nós, para todos os integralistas, são criminosos responsaveis e confessos todos aqueles que guerreiam o Integralismo Lusitano tanto por ódio como por má fé. Nós não odiamos os republicanos por serem republicanos: simplesmente lamentamos a maneira como fazem a defeza dos crimes do regime republicano sabendo eles — talvez melhor e mais do que nós — que a república jamais logrará o caminho — ela nunca o encontrou — da pureza dos costumes, da boa doutrina e do respeito que deve manter pelos credos politicos e religiosos de cada cidadão.

Domingos Ribeiro

A Festa do 1.º de Maio

Por toda a parte, por esse largo mundo de Cristo, em fóra, o 1.º de Maio é dia de festa em honra dos trabalhadores! Nas cidades e nos burgos, desde os grandes centros aos pequeninos recantos, sobe no ar a hossana maravilhosa em louvor dos que na labuta diaria ganham para todos o pão de cada dia.

A propria Natureza toda festiva neste mez de Maio ha milhares de anos consagrado a festas e descantes, se veste de galas neste dia.

E quando tudo devia ser risos e felicidade surge a nuvem negra a escurecer esse horisonte de paz dia de festa dos trabalhadores, durante elle se prega a guerra ás outras classes, a luta com os que dirigem e exercem funções patronais!

Como se não houvesse na terra lugar e pão para todos, como se no céu não houvesse amor e benções para todos!...

Como se os filhos do mesmo ninho, filhos da mesma Patria houvessem por missão degladiar-se e dominarem-se uns aos outros!...

Gritos de guerra na hora em que só preces de paz e vozes de trabalho deviam ouvir-se!...

Por toda a parte se festeja este dia como sendo o dia dos trabalhadores. Mas não se consideram trabalhadores senão aqueles que dispendem esforço muscular no exercicio da sua profissão!

Não o festejamos nós assim.

E' dia de gala, sim, dia bem consagrado aos nobres trabalhadores. Mas trabalhadores são também os patrões, os dirigentes technicos, os proprios capitalistas.

E assim o dia 1.º de Maio, em que se festeja o trabalho, é dia a todos consagrado.

Festa de paz, de confraternização profissional não cabe dentro dela um programa de guerra!

Unilaterais desequilibradas, todas as associações existentes são de condenar! Sindicatos operarios levam ás greves ruinosas e fabricam bombas que matam; associações e confederações patronais gastam rios de dinheiro em apetrechar-se para batalhas como se se tratasse de travar luta com inimigos temiveis e odiados!

Outra será a nossa comemoração. Queremos defender aqui a consagração do dia 1.º de Maio á verdadeira festa do trabalho, abrangendo todos os que com o seu esforço contribuem para aumentar as riquezas de um grupo, de um país ou de todo o mundo. Trabalho é todo o esforço humano de que resulta a criação de qualquer nova parcela de riqueza!

E o trabalho tanto precisa do esforço fisico dos operarios, como da direcção scientifica dos technicos, como da protecção garantidora do capital.

Trabalhadores são todos os factores do trabalho, são todos os interessados na empresa, na industria!

E são todos eles irmãos, uncos a fraternidade profissional — laço tão forte e mais forte por vezes do que a propria fraternidade do sangue.

Consagremos pois o dia 1.º de Maio á verdadeira festa do Trabalho, préguemos a paz, a harmonia adentro da officina, e assim teremos feito todos mais felizes, mais produtiva a empreza e mais prospero o País.

Façamos do Trabalho uma nova Fé, daquelas que veem de Deus, elaboremos á volta dele uma nova moral, a moral do trabalho, e construamos a nova sociedade nas novas bases do entendimento mutuo, da estreita colaboração de todos, já que todos são tão estreitamente interdependentes.

Trabalhadores!

Por Portugal, pela nossa Patria de que todos somos filhos, esqueçamos agravos, estabeleçamos a paz dentro do nosso meio — a paz, a fraternidade profissional entre todos os que trabalham e produzem!

A. Campos Figueira.

Integralismo Lusitano

Junta Provincial da Beira Marítima — Junta Escolar de Coimbra

Em Coimbra, a nobre cidade que D. Diniz escolheu para fundação da nossa primeira Universidade, constituiu-se a Junta Escolar Integralista para a difusão dos principios do Integralismo Lusitano. A comissão dirigente ficou constituída, pelos nossos presados correligionarios: José Augusto de Queiroz Vaz Pinto, presidente; Mario dos Santos Guerra, secretario; Tavares Ferreira, tesoureiro; Costa Felix e



O EXILADO

*Saudade, gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir, d'acerbo espinho.*

CAMÕES-GARRETT.

*Quantas saudades tem o desterrado
Fora da Patria que elle amava tanto,
Na terra alheia, d'alma, toda em pranto,
Sempre tristonho, só, e abandonado!*

*Ah! quanta vez o pobre desgraçado
Maldiz a sua sorte em vago canto,
Vendo que já não pode, no entanto,
Voltar ao seu torrão abençoado.*

*Quanta vezes, de noite, á lua-cheia,
Ele se lembra então, em voz exangue,
Das noites ideais da sua Aldeia!...*

*— Salvé exilado! Deus te dê a Graça!
Compriste o teu dever: deste o teu sangue!
Seguiste a heroica Voz da tua Raça!...*

(Do livro inédito: «Paiz da Lenda e do Misterio»)

Ruy Galvão de Carvalho.

Manuel de Abranches Martins, vogais.

Constituida como é por dedicações sinceras aos principios da Monarquia-Organica, Sindicalista e Anti-Parlamentar, que defendemos, muito ha a esperar da sua acção benéfica entre os Academicos da nossa primeira Universidade, levando-os a compreender as verdades eternas da Monarquia, e os principios que orientam o nosso movimento em prol da Restauração de Portugal.

Saúdando a comissão dirigente, saúdamos também todas as boas vontades que se prestem a coadjuva-la na espinhosa missão de num periodo agudo do mais denfreado materialismo como o que agora atravessamos, intensificar a sementeira bendita que ha-de operar o Milagre da Redenção.

Exposição Industrial e Agrícola

A Exposição de 1884 teve a dirigi-la e a orienta-la homens de verdadeira tenacidade, de rija tempera e ampla e robustecida competencia.

Por isso ela foi uma Exposição que marcou, mostrando ao país inteiro o seu alcance patriótico pelo valor esforçado do trabalho, trazendo também a Guimarães os direitos de merecida honra e os louvores de afeiçoada admiração.

Uma Exposição abre sempre um caminho airoso ao desenvolvimento, ao aperfeiçoamento, ao futuro.

E vê-se. A Exposição de 84 foi uma Exposição modesta, quasi de artigos manuais e rudimentares, com muito custo

organizada mas bem sucedida pela vontade e esforços empregados pelos homens de então, que queriam mostrar que Guimarães, quando mais não valesse, valia pelo esforço aturado do seu muito trabalho.

Modestamente trabalhou e francamente demonstrou que os seus recursos eram os recursos proprios, parcos e singelos.

De aí —, vai ver-se agora, na proxima Exposição —, ficou o fermento que levou progressivamente a nossa industria a um aperfeiçoamento e a uma actividade que honra e nobilita a terra de Guimarães.

Temos aqui, á nossa frente, «A Industria Vimaranesa», folha unica que safu em 15 de Junho de 1884, comemorando a abertura da primeira Exposição Industrial de Guimarães, e pelos nomes que nela colaboraram se vê o interesse, o entusiasmo, o ardor, a sacudida energia que arrastou e ligou, nessa ideia salvadora de triunfo, tanto nome de destaque e tanto homem de valor.

Fica bem, aqui, neste jornal, que se preza de dar ás intenções mais nobres o aplauso acalorado dum firme bairrismo, e que dispensa o mais franco acolhimento a todas as iniciativas de destaque e de realce, fica bem, aqui, neste jornal de novos lutadores, a lista honrosa de todos os nomes saudosos que colaboraram nessa folha unica.

Uma frase de cada um, como incentivo, e o seu nome, em penhor de respeito.

Seguimos a ordem:

«Era tempo, pois, de tentar um esforço. Começar por uma Exposição estava naturalmente indicado. Agitar a população fabril e convencer-a a lançar-se numa tal em-

preza, a ella, que tem vivido sempre na penumbra e como que abandonada, é muito; mas não é tudo. O tudo é a união das vontades.»

Alberto Sampaio.

«Os povos do Oriente, os mais proximos do lugar em que teve origem a humanidade, foram os primeiros a formar sociedades.

Do convívio social nasceram as artes.»

Adolpho Salazar.

«A Exposição Vimaranesense é a glorificação do trabalho, é a afirmação mais positiva de que esta velha patria de Affonso Henriques caminha sem alarde e a passos firmes na vanguarda do progresso. Hurrah pela industria de Guimarães!»

A. Motta Prego.

«Hontem os povos dominados pelo fanatismo, faziam a apothese da gloria no sangue derramado no campo da batalha; hoje que a luz irradia, a gloria é o diploma, o sangue o trabalho, a arena da lucta o certamen.»

Antonio Guimarães.

«No presente momento historico em que esta cidade, verdadeiramente notavel pelas suas honrosas tradições; pela multiplicidade das suas industrias e pelo largo desenvolvimento do seu commercio, procura com desvelado empenho, porque tem a exacta comprehensão dos seus direitos e deveres, conservar com brio o lugar de honra que indisputavelmente lhe pertence, é justo, é uma necessidade imperiosa do espirito de quem observa e admira tanto esforço, tão provada dedicação cívica, levantar um brado entusiastico d'aplauso e de louvor.»

Campos Henriques.

«A Exposição Industrial de Guimarães assignala o advento duma nova fase social desta velha povoação. Para a historia industrial de Guimarães, o palacete de Villa-Flor avulta como um monumento.»

Avelino Guimarães.

«Saudando, jubiloso, estes sacerdotes da religião do trabalho, tão prestimosos, e tão despremiados às vezes pela sociedade que redimem, ufano-me de lhes chamar contentes, e só me sombrea a alegria e não poder chamar-lhes sempre felizes.»

Conde de Margaride.

«O grande merecimento da Exposição de Guimarães será o de mostrar, sem disfarces nem charlatanice, que este concelho possui forças industriais respeitáveis que, se bem disciplinadas, sustentariam o seu posto d'honra na lucta contra a invasão da industria estrangeira que ameaça reduzir-nos á extrema pobreza.»

F. M. Sarmiento.

«Tambem Guimarães quiz, enchendo-se de brio, mostrar que se associava ao pensamento altamente civilizador que agita a presente geração, excitando-a a inventariar e colleccionar suas riquezas artisticas, e das mesmas fazer exposição.»

J. C. B.

«E' assim que eu sei corresponder ao convite com que me honram os que hoje são meus camaradas, porque, sem embargo de que outro cobrisse mais briosamente a fila que me toca, nem por isso deixo de a occupar com jubilo e firmeza, quando tenho de assistir em parada a uma das mais brilhantes festas da minha terra.»

José de Freitas Costas.

«Data de longas eras o renome industrial de Guimarães, agora de novo exalçado em certa-me festivo, assignalativo duma epocha inolvidavel.»

Pereiras Caldas.

«Modestos industriais, desacompanhados, em grande parte, dos auxilios da sciencia e do beneficio da escola, sahiram de suas humildes officinas e até do recesso ignorado de seus lares e vieram afirmar-se em pleno dia e dizer á Patria: Nós somos o Trabalho que começa a sentir a força da sua vitalidade e que desperta para a vida do progresso no sentido mais são, mais puro e mais sincero desta palavra cheia de seducções; o Trabalho fecundo e persistente que vem ao encontro da locomotiva, saudar essa maravilhosa conquista do genio das sociedades modernas, e procurar ao mesmo tempo a luz e o espaço, e um logar decoroso ao sol da civilização contemporanea.»

S. da Costa Vieira Leite.

«A Exposição Industrial de Guimarães é uma avaliação das forças naturaes das nossas industrias, e ao mesmo tempo a mais exuberante afirmação da sua importancia.»

A Redacção da «Religião e Patria».

«A Exposição é uma escola, aonde se não aprendem principios, mas se reforçam adquiridos, se ganha o gosto artistico, se conhece o valor das causas expostas, se aprecia o genio, as tendencias, o ideal dos manufacturheiros, que por esta fórma reunidos podem attingir o maximo da perfeição.»

A Redacção do «Imparcial».

«A Exposição Industrial Vimaranesense, que acaba de inaugurar-se, é o seguro penhor da gloria immortal dos filhos do trabalho e aponta-nos com dedo seguro um futuro risonho e prospero.»

Do «Espectador».

«A nossa [Exposição] prende-se a uma série de emprehendimentos intimamente ligados entre si sob uma disciplina commum, que tem por fim o progresso de Guimarães na esphera intellectual e economica.»

Da «Revista de Guimarães».

«Guimarães representa de longa data na historia manufacturiera do paiz um papel importantissimo, na tecelagem, na cutelaria, nos cortumes, na ceramica, e em variadissimas especies da technologia industrial.»

Do «Commercio de Guimarães».

O que vale portanto, e o que representa uma Exposição?

Alguns desses nomes acima inscritos o dizem com autoridade e competencia

O que fica duma Exposição?

O valor garantido da mesma Exposição.

O que ficou da Exposição de 84?

A proxima Exposição de Agosto sobeja e claramente o demonstrará.

Concurso Hipico

Sabemos que a nossa benemerita e prestante Associação Commercial está animada da melhor vontade em empregar todos os seus esforços a fim de conseguir por ocasião das grandiosas Festas da Cidade e do Concelho um grandioso Concurso Hipico. Oxalá, vá por diante mais esta bela iniciativa.

«Os direitos da Inteligencia»

E' transcrito do n.º 1.354 do brilhante jornal catolico *A Epoca*, de Lisboa, o artigo que com este titulo e com a devida venia, noutro lugar publicamos.

A Feira Internacional de Lisboa

No momento que atravessamos torna-se necessária uma grande energia honrosa para o trabalho, que é agora, mais do que nunca, a mais poderosa alavanca de que a humanidade carece, a fim de que os monstruosos pedregulhos do ódio, da ganância e das paixões arremessadas pela guerra ao seio de todas as nações, possam desaparecer para todo o sempre.

As nações serão tanto mais prosperas quanto maior for o seu labor produtivo; isto é: quanto maior for a sua persistencia no trabalho. E é ao commercio que pertence um dos principais papéis na conjugação das forças vitalisadoras que hão de salvar os povos do abismo tenebroso que se lhes escancara ameaçador. Felizmente, estamos assistindo no nosso país á organização de certamens onde melhor se poderá apreciar o valor das nossas industrias. A juntar á Exposição Industrial e Agricola, que, em Agosto proximo, se realizará na nossa cidade, ha, tambem, a organização da Feira Internacional de Lisboa, onde, certamente, as industrias da nossa terra se farão representar. Assim se torna necessário. Uma terra tam industrial como Guimarães, não pode, nem deve mesmo, desinteressar-se da organização de tais certamens em prol do levantamento de Portugal, factor decisivo do nosso resurgimento económico, o mais poderoso agente da victoria na terrível luta económica, que se seguiu á temerosa luta dos exercitos e das armadas nos campos de batalha.

Comissão Organizadora

Presidente de Honra: S. Ex.ª o Presidente da Republica; **Delegado do Governo:** Dr. Augusto Soares; Raul de Lemos, Américo d'Oliveira, Lucio d'Azevedo, Rocha Martins, João Tamagnini Barbosa, José Pontes, Jorge Nunes, Tertuliano de Lacerda Marques, João Ulrich, Governador Civil de Lisboa, Peres Trancoso, Afonso de Dornelas, Candido Sotto Mayor, Magalhães Lima, Ruy d'Andrade, Fausto Figueiredo, Vasconcelos Corrêa, Ressano Garcia, A. Melo e Sousa, Antonio Maia, Pires Monteiro, Henrique de Mendonça, Freirê d'Andrade, Romariz & Pistacchini Ltd., Juvenal d'Araujo, João Ferreira Pires, Inocencio Camacho, Companhia Reunidas Gaz e Electricidade, The Anglo Portuguese Telephone Company Limited, Companhia do Caminho de Ferro da Beira Alta, Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, Companhia dos Carris de Ferro de Lisboa, Companhia Nacional de Navegação, Empresa Insulana de Navegação, Companhia Agricola do Ganda, Camara Municipal de Lisboa, Centro Commercial do Porto, Sociedade de Geografia, Escola Officina N.º 1, Associação dos Trabalhadores da Imprensa, Associação de Proprietarios de Hotéis e Restaurants, Sociedade Estoril, Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Associação dos Comerciantes do Porto, Agencia de Publicidade do Porto, Camaras Municipais de Braga, de Portalegre, de Beja, da Guarda, de Vila Real de Traz os Montes, de Bragança, de Evora, de Almeirim de Alcobaca, da Marinha Grande, da Idanha-a-Nova, de Celorico da Beira, de Thomar, da Covilhã, de Loulé, de Arganil, de Chaves, de Lagos e de Silves.

Adesões

Dinamarca, França, Belgica, Estados Unidos da America do Norte, Espanha, Suecia, Inglaterra,

Suissa, Brasil, Argentina, Alemanha, Cuba e Noruega.

Seus fins

A «Feira Internacional de Lisboa» tem por objectivo principal levantar ao mais alto nivel o prestigio de Portugal, trabalhando para a prosperidade e desenvolvimento do Comercio, Industria e Agricultura do seu solo e das suas Colonias.

A' Feira concorrem Nacionais e estrangeiros sendo-lhes fornecidos *Stands Alpendres e Hangars* para exporem os seus mostruários, obedecendo a decoração externa de todas as construções a puro *estilo portuguez*.

Será concedido terreno nu a quem o requisitar com obrigação do aderente apresentar o seu projecto a fim de ser aprovado pela Comissão Executiva, depois de ouvido o parecer da Comissão Técnica da Feira.

A fim de dar maior realce e esplendor ao grande certamen, cada Provincia de Portugal bem como as Colonias serão representadas em Secções especiais, obedecendo toda a decoração externa e interna a tudo que seja caracteristico afim de se conhecerem, alem dos produtos e especialidades, os costumes de cada região.

Escudos de todas as Provincias de Portugal e Colonias, bem como de todas as Nações, deverão ornamentar o recinto da Feira além das Bandeiras e festões.

Coretos, em estilo, serão construidos para que, diariamente, Bandas Regimentais, executem escolhidos trechos musicais, devendo predominar a musica portugueza.

Recitas serão dadas nos nossos Teatros de S. Carlos e Nacional com elementos exclusivamente Nacionais, Orpheons Academicos e tunas, canções por grupos de Tricanas e Minhotas, grupos de Guitarristas, etc., etc.

Um grande concurso de Pirotecnia, a premio, será realizado no Tejo.

Um cortejo de carros alegoricos dos diversos expositores da Feira percorrerá as principais arterias da Cidade.

Organizar-se hão matches de Football, Concurso Hipico Internacional, Regatas, Saraus de Ginastica e corridas de Toiros por Amadores, etc., etc.

Procurará a Comissão Executiva empregar todos os seus esforços para que a «Feira Internacional de Lisboa» possa classificar-se *Hors Concours* perante as congengeres que anualmente se realizam no estrangeiro.

A «Feira Internacional de Lisboa» reservará parte das suas receitas para Beneficencia.

Um bodo será dado a um numero determinado de pobres de cada Bairro de Lisboa. Outrossim a «Feira Internacional de Lisboa» criará o *Natal dos Pobres* fazendo, em tal epocha, distribuição de pão, carne, generos alimentares, vinho, fruta, carvão, etc. etc. e um donativo em dinheiro a cada pobre.

Nos escritórios da «Feira Internacional de Lisboa» existirá uma secção destinada a socorrer, em qualquer caso e momento, os que carecem de assistencia.

Templo da Oliveira

Apesar do insistente pedido dum dos nossos colaboradores, feito em artigo «Limpeza», neste jornal publicado num dos ultimos numeros, pedido esse justo e razoavel, que era o de chamar a atenção da parouquia da freguezia da Oliveira para o estado de abandono e porcaria em que se encontra o rendilhado primoroso do vitral daquele templo, e para que com interesse e urgencia ele fosse limpo daquelas ervas que o estragam, emporcalham e desfeiam, apesar desse pedido, aquellas ervas continuam a espigar, livremente, formando já, em cada recorte de rendilhado, verdadeiros ramalhetes de adorno.



Se bem que o materialismo na sua insensibilidade e na sua irreligiosidade fosse uma perfeita doença mental e moral, em face das circunstancias comprehende-se perfeitamente. Ele na filosofia e a Democracia na politica completam-se, correspondem-se. Sem um, não haveria a outra.

Simplemente, como no fundo da alma humana, raros são aqueles que teem estôfo para dar um scético, a falta da Fé havia de fatalmente provocar um misticismo falso e grosseiro que lhe occupasse o lugar.

O Romantismo gerou o culto da Meia-Idade misteriosa e fantástica. Recordem-se certas paginas da «*Notre Dame de Paris*», onde Victor Hugo descreve a linguagem simbolica das catedrais. Ha nesse livro afirmações que são provas duma verdadeira obsecção mórbida pelas coisas do passado.

O desvairamento das seitas heréticas, dos alquimistas e magicos da Idade-Média, foi uma superstição. O desvairamento dos ocultistas modernos é a superstição duma superstição. Por isso éle se torna digno de maior condenação e duma guerra sem tréguas.

O materialismo faliu, do mesmo modo que faliu «*le stupide XIX^{ème} siècle*». Os tempos são outros! como vai longe essa mentalidade primaria que confundia o campo da Fé com o campo da Sciencia,—e os julgava incompatíveis!!

A Cruz sobe hoje, cada vez mais alta! O seu brilho sobre-humano é sempre maior e mais puro. A sciencia, livre das falsas metafisicas e de confusões danadas, segue no seu caminho, bem determinado—administradora excelente dum capital que a Providência lhe confiou e cujas origens ela inteligentemente sabe não ser missão sua profundar.

Entre tantos equívocos e erros que o tempo moderno veio desmascarar, este é o de mais fecundos resultados. Louvemos a Deus por sermos duma epocha que já se apercebeu da mentira dos deuses. E sem receios destruam-se os tabernaculos vazios para que só resplandeça a verdade feita carne através do sacrificio de Christo!

Pedro Theotónio Pereira.

Positivamente, aquilo é uma vergonha. Desleixo tamanho não se admite e custa mesmo a compreender como se deixe chegar a um estado desprezível de abandono uma das maravilhas maiores da nossa terra.

E trata-se unica e exclusivamente de limpeza! Para que o ridiculo não caia sobre nós, é preciso que o dever se imponha a quem tem obrigação de zelar por tudo aquilo que á sua guarda tem.

Que tristeza!

Mas para que não mais se percam as nossas palavras, e para que em bom acolhimento se tomem os nossos pedidos, á muito digna direcção da Sociedade Martins Sarmiento recorremos, para que com a sua autoridade,—visto que os monumentos nacionais da nossa terra lhe merecem o carinho do seu amor e do seu zelo,—faça vêr, a quem compete, a necessidade que ha em limpar, simplesmente limpar, aquele vitral, que vai a pouco e pouco tomando as proporções de cantoneiros de portal, airosa e ricamente abraçados de trepadeiras bravas.

E' mais um pedido.

Limpeza e só limpeza.

Os direitos da Inteligencia

Seja-me licito dizer o que penso da odiosa e inqualificável agressão de que acaba de ser victima o sr. Dr. Alfredo Pimenta. O caso sai fóra dos personalismo e assume a gravidade de sintoma d'uma bem visível doença social. O sr. Dr. Alfredo Pimenta foi agredido porque, na hora perderam, todas as minhas patria, se perderem todas as noções das juntas medidas. E mais do que em qualquer outra esfera, na esfera da Inteligencia, perdeu-se todo o senso da equidade. Em Portugal presentemente não existe critica literaria. O esforço corajoso e modelar de Nemo é uma excepção. Excepção única. Tudo quanto para ahí se publica como critica, afóra o grito criterioso e culto de Nemo, é a negação da critica, porque é ou o elogio parvo d'uma mal descabida amizade ou o coice atrevido do ódio pessoal. Ora, a critica literaria exclue a amizade e exclue o odio. A critica é a imparcialidade culta e a justiça cega. O critico, quando tem uma obra deante de si para julgar, exerce uma grande função social, em obediencia aos direitos da Inteligencia. Se a obra é do seu maior amigo e ela é má, tem de dizer abertamente que ela é má, ainda que essa afirmação vá quebrar uma amizade velha. Se a obra é do seu maior inimigo e ela é boa, tem de dizer abertamente que ela é boa ainda que essa afirmação vá provocar o espanto do meio em que vive. O critico assim deve proceder, porque a isso é obrigado pelos direitos da Inteligencia em nome dos quais julga.

Sucede assim entre nós? Não. A critica é uma palavra vazia de sentido na nossa produção literaria. Não admira A critica é a mais elevada manifestação da cultura. E todos sabem a que profunda decadencia mental nos conduziu o democratismo politico e social em que vivemos ha dezenas de anos. O ultimo grande critico que possuímos, Sena Freitas, está já no pendur da encosta cultural que nos conduz ao abismo da pambeocia de que o sr. Aquilino Ribeiro quer ser idolo.

Foi agredido o sr. Dr. Alfredo Pimenta porque criticou a obra literaria do sr. Aquilino Ribeiro. Sinto quanto de odioso de vil e de baixo ha n'uma tal agressão, não por que uma vez também não sofrido um tal enxovalho pelo mesmo motivo, mas só porque reconheço quão sagrados são os direitos da Inteligencia para todos aqueles que como eu fazem a profissão de publicista. A arma de todo o escritor que presa o seu nome é a pena. Não é o cacete. O escritor que, em resposta a uma critica literaria d'um confrade, responde com o murro, desqualificou-se para sempre. Por suas proprias mãos, lavrou a sua sentença de ostracismo literario. Não existe em Portugal uma Sociedade de Homens de Letras que una pelo espirito corporativo todos os publicistas portugueses.

Se a pequena e regional Sociedade da minha cidade natal fosse uma Sociedade nacional, o sr. Aquilino Ribeiro dela devia ser expulso como indigno de pertencer á corporação dos intellectuaes. Entre nós nem sequer ha criticos isolados, mas se existisse uma Sociedade da critica — como aqui em Paris — á qual pertencessem todos os criticos lusitanos, o nome do sr. Aquilino Ribeiro nunca mais figuraria em registro algum bibliografico. Mesmo assim, se a imprensa portuguesa fosse imprensa e não um balcão, o nome do sr. Aquilino Ribeiro nunca mais devia aparecer em jornal algum portuguez. E' com a Inteligencia e não com os musculos que os intellectuaes se defendem dos ataques á sua

obra. Mal de nós se nas pugnas nas ideias passassemos a substituir a pena pelo cacete. Doloroso sintoma de pervensão social nos oferece a attitude do auctor da *Via Sinuosa*. O seu suicidio mental interessa-nos. Temos que o focar para fazer resurgir a critica, uma critica imparcial e honesta que reduza o orgulho do sr. Aquilino Ribeiro aos limites permitidos pelas suas forças mentaes e artisticas.

No conflicto em que naufraga a personalidade intellectual do sr. Aquilino Ribeiro as minhas simpatias vão todas para o sr. Alfredo Pimenta. Por vezes, tenho atacado o sr. dr. Alfredo Pimenta. Uma certa feição do seu espirito ofende todos os amantes do equilibrio mental. De quando em quando, o seu dilettantismo fa-lo escorregar até posições falsas, absolutamente antinomicas do seu amor pela ordem social. Mais ainda: ha, no proprio veneno do seu intellectualismo, amago suficiente para dissolver todas as suas ancias de disciplina, se á logica fossem abertas as portas.

Mas, porque a logica sofre, o veneno se mantem repesado. Admiramos assim um paradoxal equilibrio mental que está á mercê do primeiro abalo forte.

Ha tempos provoqueei este abalo. A derrocada poiz a nú uma injustiça para comigo. Acedendo ao pedido do insigne director d'*A Epoca*, recolhi momentaneamente a resposta, talvez cruel, talvez crudelissima. Tinha resolvido que ela fosse publicada em revista e depois em livro. Não o será. A attitude do sr. Aquilino Ribeiro obriga-me a rasgar esse ataque e a apresentar aqui todas as minhas homenagens a um adversario que é simultaneamente um camarada das letras. Não, entre um brigão e um intellectual a minha escolha está feita. Repudio o brigão. Abraço o intellectual.

Que fazeis, ó intellectuaes portuguezes?

Estaes ao lado do brigão? Misereáveis que sois. Indignos que sois.

Se não sabeis zelar a dignidade da pena que empunhais, porque não desertais das fileiras que deshonraes?

Que deshonraes, sim. E como! Alguns de vós, ao brigão já destes o titulo de mestre! Mestre!? Mas não afirmo eu que em Portugal não ha critica?

E porque em Portugal não ha critica, por isso o sr. Aquilino Ribeiro nos quer impôr a murro, á cacetada, a olimpica mestria que semi-analfabetos nele enxergam á lupa.

Sigamos, se bem que um pouco forçadamente. Arranquemos do caminho um pedregulho que nos embaraça os passos. Tive um dia um grave conflicto pessoal com o sr. Aquilino Ribeiro. Consequencia dos odios politicos que ha tantos anos lavram entre portuguezes.

Não relato, ao menos por agora, esse conflito, porque não quero agravar a situação moral do sr. Aquilino Ribeiro. Passaram os anos. Um dia recebi do sr. Aquilino Ribeiro o convite para escrever chronicas scientificas, em forma de folhetim, num novo jornal que ia aparecer — *A Patria*.

Respondi, pedindo em francos por chronica. Não convindo o preço do meu trabalho, nunca cheguei a colaborar na *Patria*. Mas na resposta que enviei alludia ao antigo conflicto pessoal e afirmava que isso nunca me tinha impedido de afirmar, sempre que vinha a proposito, que ele era um verdadeiro escritor. E é. Tem talento. Mas não é um mestre. Longe disso.

O sr. Aquilino Ribeiro é uma victima da ausencia de critica. Os cretinicos, que abundam nesta confraria dos obreiros da pena, curvam a espinha e fazem estralejar girandolas de foguetes sempre que o sr. Aquilino Ribeiro publica um livro. E dos caixotins das tipografias saem, em abundancia, as seis

letras que compõem esta mentira — mestre.

Mestre? Não. Habilidoso de talento. Paciente ordenado de partidos, forçadamente ironistas, ferozmente luxuriosos, alvarmente blasfemos. Rebuscador de provincialismos.

Actualizador de vocabulos obsoletos. Mais nada. Trabalho, muito trabalho. Nenhuma elevação. Nenhum senso critico. Mau autor. Pessim autor. Autor imoral.

Certamente na obra do sr. Aquilino Ribeiro ha alguns quadros felizes de paisagem fortemente pintada. Mas isso não basta para que o chamem mestre. Mestre da obscuridade, mestre da blasfemia, mestre do provincialismo assaz restrito — o que é uma inferioridade — se quizerem. Mas mestre! Alto lá!

Na forma, o sr. Aquilino Ribeiro sobreesae entre muitos escritores da sua geração. Mas ahí ainda os defeitos abundam. Uma qualidade que n'ele alguns parvos tem admirado é precisamente um defeito — o emprego abundante de provincialismos.

Nas ideias, o sr. Aquilino Ribeiro está abaixo de todos os escritores contemporaneos. Ocupa o ultimo lugar. E' um puro primario. Um primario dos mais completos, dos mais autenticos que garatujam nas folhecas jacobinas. Ideias? Nunca souba o que são. Nunca lhes sentiu força. Nunca lhes viu a beleza. E só porque nunca teve capacidade para as poder assimilar.

E porque nunca houve em Portugal ninguem que dissesse ao sr. Aquilino Ribeiro o que lhe estou dizendo, o sr. Aquilino Ribeiro quer-nos impôr á bastonada qualidades que não possui. Ahí não. Nada de ampliação de valores.

O sr. Aquilino Ribeiro é certamente alguem. Mas muito menos do que julga. Admiramos o seu talento e mais ainda o seu trabalho. Mas profligemos as suas intenções e o seu espirito. Foque-mos até fortemente os seus defeitos. Prestamos-lhe assim um grande serviço. Se o sr. Aquilino Ribeiro emprega, a corrigir-se dum orgulho desmedido e dos grandes defeitos que a sua prosa ainda apresenta a mesma beneditina paciencia até agora manifestada no trabalho dos seus livros talvez um dia tenhamos de saudar um grande escritor. Realmente não é segredo para ninguem que o sr. Aquilino Ribeiro trabalha a prosa com extenuante fadiga. Algumas das suas paginas estão anos e anos na forja, recebendo constantes e exaustivas correções. Se fosse obrigado como aquele a quem agrediu, a uma produção continua e diaria, supponho bem que o sr. Aquilino Ribeiro nem sequer a jornalista de aldeia sertaneja chegaria. Bem sei que quem quer ser acima de tudo um artista tem o direito de guardar e remodelar as suas produções tantos anos quantos lhe aprouver.

No entanto, ao curvar-me perante um Balzac, um Camilo, um Flaubert, um Eça, as minhas saudações vão primeiro para a espontanea e rapida fecundidade de Balzac e Camilo e no depois para a forçada e vagarosa produção de Flaubert, Eça.

A gloria literaria conquista-se pelo esforço persistente e modesto. Não se rouba a cacete. Alcançará algum dia o sr. Aquilino Ribeiro a gloria literaria? Está escrito que não. Escrito pelos proprios musculos do autor da *Via Sinuosa*. Mingua-lhe uma qualidade essencial — ter a consciencia do valor proprio. O sr. Aquilino Ribeiro tem a consciencia do falso valor que lhe atribuem.

19 — IV — 23.

MARIOTTE.

Que aos olhos do Povo a defesa da republica se não possa confundir nunca, numa hora que seja, com a defesa da Nação!

Manuel Alves de Oliveira e Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães auctores da local publicada no jornal semanario-Integralista «Gil Vicente», do dia 29 de abril de 1923, declaramos sob palavra d'honra o seguinte:

1.º Que não conhecendo o tenente de infantaria n.º 32 sr. Ernesto de Almeida, a não ser pelas noticias publicadas por alguns jornais diarios, ácerca dum conflito havido official e o sr. Rui d'Orey, retiramos, em absoluto, todas as palavras que ácerca da attitude do mesmo official por nós foram ditas na referida local.

2.º De igual modo retiramos as palavras «cobardes» e «filhos da républica» por nós empregadas na mesma local, porquanto as empregamos como insultuosas e, ainda mais, por as julgarmos injustas.

Guimarães, 30 de abril de 1923.

aa) Manuel Alves de Oliveira
Domingos Ferreira de Oliveira
Guimarães

Mês de Maria

Com uma enorme concorrência de fieis, vem-se realizando em diversos templos da cidade os piedosos exercicios consagrados ao Mês da Virgem — Mãe de Deus e da Humanidade.

Para inteiro conhecimento dos vimaranenses aqui deixamos anunciada a hora a que comegam tão benéficos como cristãos exercicios nas diferentes igrejas, a saber:

S. Pedro, ás 5 e meia horas da manhã, promovido por um grupo de distintas senhoras; na mesma igreja ás 7 horas da tarde pela Congregação de Maria Imaculada, sendo a parte coral feita por um grupo de jovens congregantes.

Em S. Francisco, S. Domingos, Misericordia e Capuchos da parte de tarde; no templo de Nossa Senhora da Oliveira ás 6 horas da manhã.

A' sombra da Cruz

Joaquim Baptista Caldas

Faleceu, já há dias, em Vale de Ladrões, concelho de Sernancelhe, o sr. Joaquim Baptista Caldas, pai extremo do nosso muito querido amigo e correligionario e obsequioso colaborador, reverendo Candido Augusto R. Caldas, virtuoso pároco daquela vila.

O illustre finado, que levou a vida a praticar o bem e a caridade, foi muito chorado pois não se cansava de socorrer todos os que dele se acervavam a pedir auxilio, sendo por isso considerado como o pai dos desprotegidos.

O seu funeral, que foi bastante concorrido por pessoas de todas as classes sociais, realizou-se em 21 de Março p. p.

JOÃO RIBEIRO

ALFABETE

Modas e confecções

Rua 31 de Janeiro, 132 — GUIMARÃES

ACABA DE APARECER

O Pensamento Integralista

::: MUSCULOS FUNDAMENTOS :::
::: HISTORICO-SCIENTIFICOS :::
::: RAZÃO & OPORTUNIDADE :::
::: DO SEU OBJECTIVO SOCIAL :::
::: & POLITICO ::: :

POR

FERNÃO DA VIDE

PREÇO 3\$00 — Para a provincia mais \$50

Pedidos á Administração da Nação Portuguesa — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA.

Sentindo o passamento de tam virtuoso cristão, daqui enviamos a todos os seus e muito em especial áquele nosso distinto amigo a expressões sinceras das nossas profundas condolencias.

Edmundo Ferreira Coelho

Acaba a causa do Integralismo Lusitano de sofrer, com a morte deste destruido e desinteressado integralista, a perda dum dos mais leais soldados e dos mais aguerridos das hostes genuinamente portuguezas.

Edmundo Ferreira Coelho mostrou por diversas vezes o seu valor como integralista, o seu desinteresse como homem! Isento de vaidades, aceitou o lugar que lhe ofereciam na Junta M. Integralista de Lamego, mas a custo, pois, dizia elle, — «não!, não me forcem a isso porque eu quero ser um simples soldado para, na hora do perigo, ocupar o posto mais arriscado!»

E provou a sua coragem! Um dia, a quando do 13 de Fevereiro, ao ser increpado por um dos revolucionarios cisca que acompanhavam a soldadesca, Edmundo Coelho, que se encontrava no seu estabelecimento, num gesto rapido, lhe havia de si, riposta ao heroi que lhe havia de: «E este tambem há-de morrer!» «Eu trago ordens até para fuzilar!» — «Olha lá! Trazes ordens para fuzilar? E para morreres, não trazes ordens?»

Integralistas assim fazem falta e a Patria, com a morte deles, perde os seus melhores valores!

A toda a sua familia e bem assim á illustre Junta Municipal de Lamego enviamos as nossas sentidas condolencias.

Só a Monarquia Corporativa e anti-parlamentar pode salvar

Portugal!

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portuguezes que acima de tudo collocem o bom nome e interesse da sua Patria!

Quem quizer um bom retrato visite a

Foto-Electrica Moderna

Avenida Candido Reis
GUIMARÃES

Todos os trabalhos desta casa são feitos em excelente material e montados em magnificos cartões.

ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

A. D. Marques, Limitada

RUA DO OURO 200-4.º

LISBOA

A TENTADORA

Bernardino Almeida & Costa, L.ª

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFEITARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

Ferreira & Martins, L.ª

86 - RUA PAIO GALVÃO - 88

GUIMARÃES

Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho - RUA DE SAMPAIO

Cartilha Monarquica

Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

No Porto:

OLIVEIRA & MACHADO

R. de Passos Manuel, 71

— E A —

PEROLA DO BOLHÃO

Rua Formosa

Em Espinho:

CADILON & C.ª L.ª

181, Avenida, 8, 203

Na Beira Baixa:

JOSÉ VICENTE

ALFERRAREDE

LEIAM A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º - LISBOA

GIL VICENTE

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano	7\$500 reis
Espanha	9\$500 >
Africa	10\$500 >
Brazil	12\$500 >
Numero avulso	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinan-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

GIL VICENTE

Ano IV N.º 139

2.ª Série N. 16

Ex. Sr.